

1900  
ANNO I

Florianopolis  
BRAZIL

REVISTA

CATHARINENSE

PUBLICAÇÃO MENSAL DESTINADA À DEFEZA DOS INTERESSES  
DO  
ESTADO DE SANTA CATHARINA

COLLABORADORES

Conselheiro Manoel da Silva Mafra, General dr. Alexandre Marcellino Bayma, 1.º Tenente dr. Nepomuceno da Costa, José Ramos da Silva Junior, dr. Theophilo Nolasco d'Almeida, dr. Luiz Delfino dos Santos, dr. M. C. do Rego Barros, dr. Celso Bayma, Luiz Nunes Pires, C. Marques Leite, Nestor Passos.

Janeiro de 1900

CAPITAL FEDERAL

RUA DA CARIOCA 34—1.º andar

## EXPEDIENTE

A REVISTA DE SANTA CATHARINA apparecerá uma vez por mez.

As opiniões emittidas pelos colaboradores correm sob sua responsabilidade exclusiva.

Serão recebidas todas as communicações de interesse publico, dependendo a publicação do juizo da redacção.

A direcção da REVISTA está, provisoriamente, affecta ao dr. Theophilo Nolasco de Almeida, presidente do CENTRO CATHARINENSE, servindo como redactor-secretario, tambem provisoriamente, o 1.º-secretario da mesma sociedade.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Secretaria do CENTRO CATHARINENSE, rua da Carioca 34 — 1.º andar.

## ASSIGNATURAS

Anno 8\$000  
Semestre 5\$000 Trimestre 3\$000

Numero avulso 1\$500

## ANNUNCIOS

Uma pagina, 10\$000 — Meia pagina, 6\$000 — 1/4 de pagina, 4\$000.  
Quando o annuncio tenha de ser publicado mais de uma vez, gozará de abatimento.

PAGAMENTO ADIANTADO

## "Centro Catharinense"

Séde : Rua da Carioca 34 (1º Andar)

PRESIDENTE

dr. Theophilo Nolasco d'Almeida.

1.º VICE-PRESIDENTE

1.º Tenente dr. Nepomuceno Costa.

2.º VICE-PRESIDENTE

Capitão-tenente Henrique Boiteux.

1.º SECRETARIO

Alferes alumno Nestor Passos.

2.º SECRETARIO

Osny Martins.

1.º ORADOR

dr. Celso Bayma.

2.º ORADOR

THESOUREIRO

Manoel Paulino de Aguiar.

BIBLIOTHECARIO

Manoel Luiz da Costa.

COMISSÃO FISCAL

Rodolpho Goudel, Mario Brandão e Humberto Lobo.

CAIXA BENEFICENTE

Eduardo Paiva, Annibal Nunes Pires, Alferes Hermelino Jorge de Linares e Emilio Simas.

## Comissões Permanentes

FLORIANOPOLIS

Durval Varella Alves, Francisco de Assis Costa, João Pedro de Oliveira Carvalho, Leonidas Branco, Adalberto Gil Ribas, João Grumiché, Amphiloquio Marques da Silva e José Antonio de Souza Junior.

TUBARÃO

Antonio Bibiano de Assumpção, José Martins Cabral, Gustavo Gonzaga e Francisco Gonçalves da Silva Barreiros.

## PORQUE?

Nada existe sem razão. *Ubi effectus, ubi causa.*

O titulo que adoptamos dispensa, de alguma fórma, o porque do nosso apparecimento. Não abusaremos, porém, dessa franquia. Ao contrario: obedientes á praxe, faremos tambem a nossa apresentação.

Surgimos como necessidade e como obrigação. Necessidade de destruir o quasi emparedamento em que vive, para uma grande parte dos nossos concidadãos, o pequeno Estado de que somos filhos. Necessidade de concorrer com um contingente, pequeno embóra, para a divulgação dos thesouros de que é repositório precioso o pequeno pedaço do Brazil, onde revivem a cada instante as glorias dos nossos maiores, a par das mais gratas recordações que nos é dado guardar. Necessidade de fazer conhecidos os progressos que a mão do homem soube imprimir á obra da natureza prodiga. Necessidade de mostrar ao capital intelligente que não escasseia campo ao seu emprego, ali, onde a fertilidade prodigiosa vive em consorcio indissolúvel com as maravilhas da criação. Obrigação, somos a effectividade de uma das disposições da Lei organica do «Centro Catharinense», e a realisação do dever civico que nos impõe o concurso ao engrandecimento da terra santa que nos foi berço.

\*\*\*

Grandes, comprehendemol-o bem, serão as contrariedades a tolher-nos o passo. Maiores os louros, mais respeitaveis os destroços dos porventura tombados na lucta.

A' indifferença responderemos com a fé patriótica que nos dá a certeza do futuro grandioso destinado a S. Catharina. A' má vontade oppo-remos energias que desfallecem apenas uma vez, mas para sempre.

Para nós a lucta é condicção essencial da vida.

A' serenidade das calmas podres, que no seu remanso escondem a morte traçoira, preferimos o choque vivo das ondas irrequietas, quebrando-se, animadas, no embate das paixões.

Luctaremos sempre. Alentados pelo nosso ideal, animados pela nossa crença, os interesses catharinenses terão na *Revista* um paladino incondicional.

Vencedores, satisfar-nos-á a consciencia do dever cumprido até o sacrificio.

Vencidos, attenuará o nosso pezar sabermos que connosco soffre a maioria dos nossos patricios.

\*\*\*

Não nos animam intuiros secundarios. O bem estar da nossa patria é tudo para nós, e acima de tudo o collocaremos.

Com essa orientação não olharemos interesses menores, quando nos sejá dado opinar sobre os factos.

Laços de partidarismo, collectivamente, não temos.

Livres no cumprimento da nossa missão, certo, preferimos essa situação independente, a procurar nos meandros da politica as inspirações nem sempre dignas, nem sempre oriundas de cogitações patrióticas. Assim orientados, é natural que melhor possamos levar a termo o nosso empenho. Assim orientados, podere-

mos ter as nossas columnas francas a todos os credulos na predestinação do nosso Estado. Assim orientados, faremos da *Revista* um instrumento de progresso, manejavel por todos. Assim orientados, não é impossivel —e oxalá possamos!—conseguirmos reunir na mesma direcção, convenientemente applicadas, forças até hoje separadas por acontecimentos que não nos compete esmiuçar. Congraçar na mesma tenda alva da paz, sol a mesma inspiração, com o mesmo objectivo, todos os nossos concidadãos, seria o maior serviço a prestar ao Estado de S. Catharina, victima, talvez sem razão plausivel, de dissensões que é preciso fazer desapparecer.

\* \*

Em traços geraes, eis o nosso programma, cuja execução nos vai custar o maximo esforço.

Mais particularmente, outros compromissos nos prendem. Nascida a *Revista* no seio de uma associação de catharinenses, naturalmente inseparaveis são os destinos de ambas. Vivem uma da outra, em perfeita symbiose, trocando elementos de vida, nutrindo-se, fazendo-se reciprocamente fortes.

Nem por isso, porem, o runio que traçámos ao começar, será mudado.

O « Centro Catharinense » e a *Revista Catharinense* propugnarão pela prosperidade do nosso Estado.

O « Centro » e a *Revista* ampararão os desgraçados que, connosco, tiveram commum o primeiro sol.

O « Centro » e a *Revista* acobertarão sob a mesma bandeira da fraternidade os separados pelas luctas.

O « Centro » e a *Revista* serão o vehiculo de publicação do progresso catharinense.

O « Centro » e a *Revista* farão de intermediarios entre a nossa Terra Santa e o resto da Republica.

Logo, o « Centro » e a *Revista* se confundirão no mesmo esforço, nas mesmas conquistas, e os compromissos que os unem não desvirtuarão o nosso objectivo.

\* \*

Para tudo quanto fica esboçado, imploramos apenas o concurso dos que, ligados ao nosso Estado por quaesquer laços, queiram ser os nossos Cyreneus no Calvario que iniciamos.

Pediremos em vão ?

A REDACÇÃO.



A deliberação que tomamos, considerando, independente de consulta, grande numero dos amigos do nosso Estado, como assignantes da *Revista*, nada mais é do que a confissão do alto conceito em que os temos.

Assim, julgamos, comprehenderão todos os que receberem o presente numero.

No interesse, porém, de tirar ao nosso acto o character de imposição que se lhe possa attribuir, têm plena liberdade, os que não estiverem com elle de accordo, de devolver-nos, até 10 de Fevereiro entrante, a *Revista*, sem que com tal nos sintamos susceptibilizados.

Procedimento contrario entenderemos como acquiescencia, e nos autorisará a contar com quem o tenha, como nosso assignante.

A estes ultimos, apresentando desde já os nossos agradecimentos, pedimos nos enviem a importancia das respectivas assignaturas, ou por inter-medio das nossas agencias, ou, onde ainda não as tenhamos estabelecido, pelo Correio.

## JANUA CÆLI

Pôdes não ter um unico sorriso,  
Que se desprenda do teu labio puro,  
E, como um astro, que atravessa o escuro  
Da noite, que me cêrea, e cobre, e piso.

Vir até mim; eu creio: isso que importa?  
Tambem no chão prostrado, inda creança,  
Resava á «Virgem» sem ter esperança,  
De vê-la menos santa, e menos morta.

Resoava o órgão: d'ouro, e argentaria  
Vestido o padre, o incenso ludo a lado  
Do altar lançava, em júbilo arruado:  
Tinha o seu pórtico languido Maria.

Vinham beijar-lhe os pés meio encobertos  
No seu manto estrellado, e as mãos delgadas  
Sobre o sangue dos seus seios abertos,  
Apertando por cima as sete espadas:

Resava o póvo a sua ladainha;  
Chamavam-na de estrella matutina,  
Torre eburnea, das Virgens a rainha,  
Aurea porta do Céu, e Mãe divina:

Batia o peito toda aquella gente;  
A igreja tinha a arder milhões de vélas,  
Que todas reflectiam brandamente  
Na pallidez de suas faces bellas.

Em cada candelabro, em cada palma  
As vélas respondiam num som brando,  
Todas cheias de lagrimas, chorando,  
Como se ellas tivessem tambem alma;

Como se a mesma fé as dominasse:  
E a tristeza da luz em todo templo  
Parecia estar dando aos fiéis o exemplo,  
Espelhando a ima dôr na dôr da face.

Sobre o altar-môr á cruz pregado o Christo;  
O póvo em prece enchendo toda nave,  
E do órgão a surda voz mettia nisto  
A nota excelsa, mysteriosa, e grave.

O incenso em rôlo tinha no seu manto  
A magia do espaço umbrôso e augusto;  
O ceu nelle desceia a cada pranto;  
Nelle uma alma subia a cada susto.

E, quem não teme a Deus, que apaga o riso,  
Que solta o vento, que enfirêce o oceano,  
Qu'á á qualquer falta nossa, ou erro, ou engano  
No: fecha para sempre o paraizo?...

Que creón o logar, onde os precitos  
Ardem, tóream-se, gritam, rangem dentes,  
E ouvem passar a vôz dos infinitos,  
E a eternidade alegre dos contentes?

Onde lhes vem a musica distante,  
Como fecho tenue de pereune orgia,  
E quanto á largos traços pintou Dante,  
Têm, como sombra descorada e fria.

Oh! quanta fé!.. Os corações tremiam  
Convulsos de umas horridas idéas,  
E dos olhos as lagrimas caíam,  
Bem como agua de taças muito cheias.

Pedi-lhe perdão dos seus peccados,  
Lhes desse «Ella» em qualquer olhar bondoso  
Com «Ella», a eterna luz, o eterno goso,  
Logo depôis de môrtos e enterrados.

Que ha na terra, que um crime emfim não seja?  
Vae-se direito facilmente ao inferno;  
Não ha cariuho humano, e olhar mais terno,  
Que não mereça a maldicção da Egreja.

E a «Virgem» não mudava a côr do gesto;  
E no meio do incenso, que a envolvia,  
Todos nella esperavam, sem de resto  
Saber nunca, o que emfim ella faria.

\*  
\* \*

Do teu culto tambem eu tenho o zelo,  
Minha esperanza, e unico conforto;  
E assim leva-me ao céu antes de morto;  
Teu céu, antes de morto, eu quero tel-o.

Tambem espero em ti: á tua planta  
Todo meu ser num longo beijo résta;  
Porem não faça, como a «Virgem Santa»,  
Quando eu via resar na sua festa.

Mas... pensa alguém, que dividas oculo  
Naquelle fé ardente, viva, e pura,  
Que deve ter a humilde creatura  
Na Santa, origem do seu grande culto?

Se a outra não voltava a face linda,  
Abrasada na luz, em que me abraço,  
Não pôde esta voltar-me o rosto acaso,  
Sendo melhor, sendo mais santa ainda?

LUIZ DELFINO.



## O Porto de S. Francisco do Sul

Ha pouco mais de quatro annos o nosso director dr. Theophilo Nolasco d'Almeida, sob o titulo que ora nos serve, deu á publicidade, na *Revista de Santa Catharina*, de que foi assiduo collaborador, valiosas considerações sobre a importancia deste porto do nosso Estado.

Reeditando-as agora, a *Revista Catharinense* procura apenas preparar o espirito dos interessados, que somos todos os que nos preocupamos com o futuro deste grande paiz, para poder acompanhar os novos argumentos, que, melhor ainda, cimentam a convicção externada em 1895 pelo dr. Theophilo d'Almeida.

Não se torna preciso que salientemos a oportunidade do assumpto, apezar do lapso de tempo decorrido entre as duas publicações.

« Já que diariamente se discutem as innumeradas lacunas, hoje, mais que nunca, manifestas na marinha de guerra do Brazil — o que em immenso concorre para o desanimo dos seus profissionaes — eu, humilde marinheiro, affastado já do serviço activo, pretendendo coitar a anarchia de ideias, consequencia de todas essas discussões, enceto esta serie de artigos em bem da minha Patria, e em beneficio, creio, da corporação, á que consagrei a minha maior actividade e as minhas maiores esperanças.

Sou, pois, como se vê, de todo insuspeito e só almejo para a marinha, o que deve constituir a todos os

respeitos a aspiração nacional: a sua reorganisação e a prosperidade do Brazil.

Para tornal-a, não o que foi, porém, maior ainda, é urgente que todos aquelles que deste assumpto se occuparem, ponham de lado o interesse pessoal em bem do futuro da nossa Patria, que em tempo occupou o primeiro logar entre todas as nações maritimas das duas Americas.

O Brazil é immenso e tão immenso que, custa a crer, do Rio de Janeiro para o Sul, ha Estados que parecem esquecidos e até desconhecidos!...

No emtanto, são elles os que mais deviam prender a attenção dos nossos governos, como garantias que são e serão da nossa integridade, no presente e no futuro.

Baseado nas minhas convicções, tenho a accrescentar que dois grandes problemas, se apresentam para ser resolvidos, logo ao primeiro golpe de vista: Arsenaes e acquisição de officiaes e marinagem.

D'elles, pois, me vou occupar o mais detalhadamente possível, estudando-os e discutindo-os na medida das minhas forças.

\* \*

Quanto a primeira questão, direi: D'entre os Estados do Sul o menos conhecido e o mais abandonado foi sempre, ainda que immerecidamente, o de Santa Catharina e, a não ser depois dos ultimos acontecimentos, que alli se deram, d'elle pouco se fallava. Actualmente mesmo, ainda ninguem lhe dirigiu uma palavra de animação; ainda ninguem, a não serem os filhos do Estado, incitou-o ao progresso, afim de refazel-o dos seus

innumeros prejuizos; não se tratou si quer, de descrevel-o, de apontar as suas riquezas, a sua posição strategica, as suas ricas bahias, — talvez as primeiras do Sul da Republica, — os seus portos, etc. Nada, todos se acham promptos a prestar-lhe os funeraes, a fazel-o desaparecer de uma vez, como fazia outr'ora o gentio, matando o enfermo, afim de poupar-lhe mais soffrimentos. Delle, só os dramas, o mais não dá seiva a partidos politicos.

Eu, porém, que não sou politico e acho asada a occasião, espero o concurso dos meus camaradas, afim de, com as suas luzes e com a lucidez dos seus talentos, avivarem a intelligencia d'aquelles, que algo ainda pretendem fazer em bem do Brazil, animados pelas discussões criteriosas dos que não escrevem para fazer reclame, nem discutem só por espirito de opposição.

A primeira das questões suscitadas é por demais discutida, mas nem por isso já se chegou a uma conclusão. Ninguem ignora que ha annos, busca-se logar conveniente para installação de um Arsenal de Marinha, em substituição ao da Capital Federal, encravado em um reducto de granito, como um pé chinez em um sapato de ferro. Semelhante arsenal é para ser ridicularizado, tanto mais quanto é sabido, que os arsenaes impõem-se hoje ás marinhas, mais que nunca.

Pois bem, procurava-se já ha alguma tempo, a origem da nossa decadencia naval, quando, um relance d'olhos para o ancoradouro de S. Bento, seria a solução immediata do problema: O arsenal não dava vazão ás exigencias da esquadra, e esta vege-

tava com prejuizo da disciplina e do thesouro, nas aguas putridas de um esquecido ancoradouro.

Em S. Bento pôde haver tudo, menos marinha; no poço dos navios de guerra, pôde-se apresentar uma esquadra, mas de facto ella não pôde existir e a confirmação está em que, um navio que se julgava estar prompto á seguir viagem, si recebia tal ordem, carecia muitas vezes de um mez e mais ainda, para se aprestar á partir.

Assim, o arsenal deve ser mudado quanto antes; e, si pretendemos ter armada, affastemos do Rio, o mais possivel, a nossa força naval, para local, onde a marinhagem tenha mais conforto e a officialidade mais distracção no serviço de bordo, que nos prazeres de terra.

Falou-se, ha tempos, na Ilha do Boqueirão, ultimamente em Setetiba e Ilha Grande; mas, sou de parecer que, sem se proceder a um estudo minucioso do porto de S. Francisco, nada se deve resolver.

Este ancoradouro é um verdadeiro Toulon, e, já como porto militar, já como arsenal, ninguem ousará negar suas innumeras vantagens.

Mil difficuldades surgirão como sempre; outros tantos obstaculos apresentarão os que creem que só o Rio de Janeiro é digno de progresso, suppondo mais ainda, ou pretendendo convencer-nos de que, para um tal melhoramento, é forçosa a condição de existir no local uma cidade de primeira ordem. Mero engano, como espero demonstrar e, aquelles que têm observado as mil desvantagens da agglomeração de força nas grandes capitacs, aquelles que ultimamente têm acompanhado a politica do nosso paiz, não desconhecerao a verdade das minhas asserções.

Ahi fica, pois, lançado com este artigo, o grão que ora semeio: si fecundo o terreno, brotará sem duvida; si esteril, desapparecerá, e com elle a esperança que nutro do desenvolvimento desta marinha e engrandecimento desta Patria. »

## ARSENAES

### I

Sem arsenaes, não pôde haver esquadra, nem se deve simular esquadra com o fito unico de sustental-os; infelizmente, porém, parece ser este o caminho pelo qual enveredou, ultimamente, a nossa administração naval, amoldando-os, como se tem feito, aos regulamentos dos arsenaes francezes, sempre tão desastrosos na pratica.

D'ahi tem resultado, não termos hoje, nem arsenaes, nem esquadra, e, quem desta asserção se quizer convencer, especialmente quanto á-quelles, basta ler—«*Os abusos da Marinha Franceza*» — descriptos por um dos mais distinctos almirantes desta armada, Aube, homem notavel, não só pelos seus escriptos, como pelos seus conhecimentos profissionaes, que chega a provar até a evidencia, a verdade ora em discussão, porque, com effeito, o que se dá na França, dá-se incontestavelmente, pela força das circumstancias, no Brazil.

Eis o que, em resumo, diz elle, quanto aos arsenaes francezes: « Do modo porque estão organisados os nossos arsenaes, não ha orçamento possível; o material existente nos depositos fica esquecido, sem applicação e inutil; os pedidos são exagerados para proteger aos fornecedores, e... os directores não sahem das directorias

para fiscalisar obra alguma: assignar pedidos e dar andamento ao expediente, que é excessivo, é o mais que delles se pôde exigir ».

Finalmente, diz elle: « Quereis ter um navio em dois annos pelo preço de 10.000.000 de francos sem comprometter a vossa Patria, ou quereis possuil-o por muito mais e em dez annos, compromettendo-a sem duvida? Naturalmente, arguirá o leitor: e a solidez é a mesma?... e, eu vos respondo: não, aquella é melhor ». « Pois bem, aconselha elle — no primeiro caso mandai construil-o na Inglaterra e no segundo em França ».

E' com esta sinceridade que falla ao mundo inteiro, um almirante francez; mas, como entre nós, é quasi mania seguir as pegadas francezas, até mesmo nos erros já por elles reconhecidos, eu quasi que me considero desde já vencido nesta questão. Comtudo, quem sabe? é discutindo que se aprende, e... aprendendo consumimos a existencia...

Não julgue, porém, o leitor que nos arsenaes francezes domina a anarchia, a desordem, emfim; não, o que ha é desperdicio; e o que não pôde haver é fiscalisação, por ser essa confiada ao pessoal subalterno em geral corrompido. Por isso, os seus depositos (cada directoria tem o seu almoxarifado) estão sempre abarrotados de inuteis objectos que jámais têm consumo, pois, quando são procurados, nunca estão de accordo com as exigencias dos pedidos e é preciso obtel-os no commercio.

Emfim, é tal o sortimento, tal o capital paralyzado, que um almirante inglez, indo visitar um destes estabelecimentos de marinha, depois de manifestar a sua admiração pela ordem, acio e opulencia, disse, ao

despedir-se do inspector: — « Muito bom, mas, parece que os senhores têm aquillo » e apontou para a esquadra — « para sustentar isto » e indicou o arsenal.

No nosso arsenal por enquanto, não se pôde dizer que haja exagero nos fornecimentos; mas, a fiscalisação é do mesmo modo difficil, porque o sistema do papelorio absorve tudo, como si o papel fiscalisasse alguma cousa...

Além disso, um outro mal, não menos prejudicial ao seu pessoal e aos fins a que deve satisfazer um tal estabelecimento, concorre immenso, para que não consigamos tão cedo tanto quanto devemos almejar; elle transformou-se nestes ultimos tempos, em um hospital de lanchas e rebocadores, enquanto que navios, já não digo em construcção, em reparos, permanecem annos inteiros nas tranquillias aguas de S. Bento, até terem ás vezes, destinos muito differentes d'aquelles para que foram construidos e podiam ainda ser utilizados!... E é assim, que se pretende desenvolver a construcção naval no Brazil, tão abatidos como ficamos neste ramo da industria nacional, depois da cabotagem estrangeira.

O fito principal dos nossos arsenaes, deve ser construir e só reparar o que for impossivel fazer-se no particular; só assim a protecção do governo a esta industria, será uma realidade. O facto de não possuirmos ainda estaleiros e officinas particulares, capazes de muitos serviços que já lhes deviamos confiar, é uma consequencia desta centralisação mal cabida; e, sem que o governo dê verdadeiro impulso, tão cedo nada conseguiremos.

T. N. D'ALMEIDA.

(Continua.)



## Um appello

—

Não se torna preciso grande atilamento para concluir da nossa apresentação, que a *Revista Catharinense* affasta-se, pela sua organização e pelo seu objectivo, das empresas em que os lucros industriaes representam a maior, si não a exclusiva aspiração. Indignos seriamos si com a affeição que nos liga ao nosso Estado natal mascarassemos interesses tão secundarios.

Não escurecemos que muito valioso, imprescindivel mesmo, é o subsidio compensador das despezas a que fatalmente nos obriga a presente publicação. Sem elle, impossivel nos será cumprir a tarefa que nos impuzemos.

De outra assistencia, porem, temos, ao mesmo tempo, grande necessidade, desde que a *Revista*, de accordo com o seu programma, deve ser o repositorio minucioso de todas as informações relativas ao Estado de Santa Catharina.

Assiste-nos, parece-nos, o direito de contar com esse auxilio, que, comprehendem todos, não redundará em beneficio exclusivo nosso, mas da collectividade catharinense, cujo bem estar nos deve preoccupar a todos.

Si o devotamento que temos para com a nossa terra natal, si o sacrificio que ora fazemos com o apparecimento da *Revista*, nos autoriza a alguma cousa; si os nossos concidadãos nos julgam dignos da sua solidariedade, permittam-nos dizer:

às autoridades de Santa Catharina, que nos serão em extremo agradáveis e uteis, todas as informações authenticas a que nos seja possível dar publicidade;

aos nossos amigos, que a *Revista* se honrará em fazer figurar nas suas modestas paginas todos os dados relativos às cousas catharinenses.



A Secretaria do « Centro Catharinense » tem necessidade de saber, com urgencia, onde reside D. Euphrosia Motta, viuva de José Orestes da Motta, afim de poder satisfazer um pedido de informações que lhe foi dirigido de Santa Catharina.



## SONETO

AO GESTOR

Tive gana de em prosa ou n'um discurso  
Saudar da *Revista* o nascimento  
Mas para isso, faltando-me talento,  
N'um soneto tentei, então, recurso

Foi loucura ' das rimas o concuro,  
Com que contava certo o meu intento  
De nada me serviu: o pensamento  
Teimou em me deixar com cara d'urso.

Tres horas matulei cançando a vista  
Por sobre o céu azul! Sonhei desperto,  
Forcei a inspiração, fingi-me artista...

Mas de balde, meu Deus! nem um quarteto  
Consegui arranjar!... Gloria á *Revista*  
Que escapou, ao nascer, d'um máo soneto.

11—1—1900.

ROGOUDEL.

## Centro Catharinense

BALANCETE DO TRIMESTRE DE OUTUBRO A DEZEMBRO DE 1899.

### RECEITA

Saldo do mez de Setembro	135.010
Mensalidades, joias e renda eventual . . . . .	756.000
Venda de moveis em mau estado . . . . .	50.000
	<hr/>
Rs.	941.010

### DESPEZA

Acquisição de moveis . .	253.000
Aluguel de casa . . . . .	300.000
Pago por saldo ao snr. Septimio Werner . . . . .	23.700
Idem ao servente . . . . .	45.000
Idem por porcentagem da cobrança . . . . .	135.600
Idem pelo concerto da armarção da Bibliotheca . . . . .	31.000
Idem por sellos, papeis e mais miudezas para expediente. . . . .	72.250
Saldo para o mez de Janeiro de 1900 . . . . .	80.460
	<hr/>
Rs.	941.010

### CAPITAL SOCIAL

Representado por:

#### MOVEIS E UTENSILIOS

Valor dos existentes . . . . . 1.322.300

#### BIBLIOTHECA

Valor dos livros existentes. . . . . 1.151.500

#### CAIXA

Em dinheiro . . . . . 80.460

---

2:554 260

S. E. ou O.

Manoel Aguiar

THESOUREIRO

## DOUBLE ZERO

Intervenho na pendenga do *double zero* da roleta dos seculos...

Economico de trabalho, costume, sempre que não ha maior necessidade, assignalar com os dous algarismos finais o numero do anno. Acho, alem de economico, elegante, não obstante o acatamento que me merece o juizo dos que descobrem nesse acto, vestigios de preguiçoso.

Mandriçe ou economia, pouco importa o que me leva a assim proceder... A questão é outra—saber si incorrecção existe no emprego do 00.

Quando marcavamos o 1899, apenas pelo numero 99, pretendiamos designar que atravessavamos um anno cujo numero representativo tinha além das unidades superiores, nove dezenas e nove unidades simples.

Quando graphamos pelos dous zeros finais o 1900, dizemos apenas que esse anno é representado por um numero em que não ha dezenas, nem unidades. Aquelle era o penultimo, este o ultimo do seculo.

Nem mais nem menos.

Concordemos: incorrecção, si existe hoje, havia tambem o anno passado, existirá sempre, *per omnia secula*, em quanto não representarmos o anno em toda a sua integridade arithmetica.

O argumento independe da noção que se tenha do fim do seculo.

Para quem ainda não conhece o processo rudimentar do auxilio dos dedos para a contagem, ou não sabe que

$$19 \times 100 = 1900,$$

suppondo-se já no seculo XX, melhor se justifica o uso do *double zero*, que, salvo opinião mais convincente, eu não abandono.

Desde que se admite um anno anterior ao primeiro do primeiro seculo, isto é, desde que se concebe a existencia do anno 0, que mal haverá em designar um outro por 00?

Esta questão do *double zero*, como a do fim do seculo XIX, é uma das muitas calumnias atiradas ao fallecido 99, a quem já se attribuiu a peste bubonica e não sei mais quantas calamidades. Devera merecer mais respeito o pobre morto, que, quasi posso garantir, fazendo justiça á sua respeitavel memoria, nunca teve em mente arrancar ao socego dos gabinetes tantos sabios... esquecidos da arithmetica.

A questão do 00, resolveu-a, ha muito, um outro morto, o saudoso barão de Drummond, por inspiração de quem todo o reino animal foi reduzido a 25... grupos, estudados hoje nas seis rodas da *Fichet* da Companhia de Loterias. O eminente naturalista propoz com applausos unanimes, que a avestruz se chamasse 01-02-03 04, a aguia -05-06-07-08-, o burro... estou acreditando que se deve a este senhor a controversia; o burro, dizia eu.-09-10-11-12, e assim por diante, de sorte que a vacca, notavel representante do 25.<sup>o</sup> grupo da nova serie zoologica, e respeitavel proprietaria das ultimas quatro casas, ficou se chamando 97-98-99 00.

Tão importante conquista do espirito scientifico moderno, não se deteve ahi. Pouco a pouco vieram apparecendo os complementos indispensaveis.

E' assim que, logicamente, surgiram as dezenas, centenas, milhares e não sei si mais algo.

Ora, as dezenas capitaneadas pela illustre vacca, são 97, 98, 99 e 00.

Logo, scientifica e racionalmente, oo representam as dezenas e unidades de centenas, milhares, etc., completos, e podem tambem representar o anno de 1900.

E', salvo melhor juizo, o meu parecer que ninguem pediu.

Não ha razão para torcer o nariz ao argumento, pela sua origem.

O *bicho*... perdão! a nova classificação zoologica do saudoso barão, dá o tom a todos os actos desta bôa sociedade. E' natural, portanto, que na archi-celebre concepção se baseie o argumento gigante.

Assim sendo, continuarei, emquanto atravessar o « Anno Santo », a escrever o *double zero*.

23-1-00.

G. S.

Publicaremos, no proximo numero, o resultado dos exames prestados por academicos catharinenses nas diversas escolas superiores desta Capital.

## O FEMINISMO

Lamentamos que o espaço a nossa disposição não permita trasladar, na integra, para estas columnas, as palavras criteriosas e repassadas de communicativa sinceridade que, sobre o *feminismo*, ouvimos, ha dias, na conferencia realisada pela illustre sra. Eva Canel.

Nem por isso, porem, nos furtaremos a recommendar a sua leitura ás nossas patricias, directamente interessadas na questão.

Nessa peça digna de meditação, e onde cada conceito revela um espirito perfeitamente conhecedor das necessidades do nosso tempo, a par de educação firmada, na moral mais pura, Eva Canel dá combate franco ao *feminismo* desarrasoado que se apresta para o assalto á ordem social, maculando a missão da mulher, cuja complexidade de deveres só pode ser aquilatada pela influencia quasi absoluta que exerce na evolução social.

Desse ponto de vista digno e unico rasoavel, a illustre conferencista estudou o *femixismo*, affastando-se, quer dos partidarios deste, quer dos seus antagonistas, que veem na mulher o typo cujo caracteristico principal é uma inferioridade absoluta.

Assim, ella combateu, as pretensões do *feminismo*, tecendo, entretanto, os maiores louvores ás mulheres a quem a falta de protecção capaz obriga a buscar no mourejar continuo o pão de cada dia.

Ainda que queiramos dar ligeira idéa do modo brilhante e digno dos maiores encomios, por que se desempenhou a sra. Canel, não nos é possivel fazel-o, tal a magnitude do assumpto e a profusão de argumentos cada qual mais valioso em que se estribou a adversaria das mulheres que « por vivir en la holganza y la molicie han inventado la manera de subvertir los deberes que cada cual tiene assignados por virtud de su sexo; que proclaman el celibato como estado perfecto; que consideran el matrimonio como un

contrato caprichoso », esquecendo-se de que o verdadeiro predomínio pertence ás que « reinan y mandan inclinando el animo del hombre a tal o cual empresa; amoldandolo a sus habitos y a su educacion; siendo el motor que impulsa, quando el vulgo las supone maquinas que trabajan ».

Dentre o numeroso auditorio incansavel em sublinhar com os mais merecidos applausos os dizeres da vibrante oração, não se ouviu uma unica manifestação de desaccôrdo, capaz de abrir brecha nas muralhas da logica de Eva Canel, que se impoz mais vibrante, mais persuasiva ainda, na replica com que pulverizou o seu unico contradictor.

Felizmente o *feminismo* que, força é confessar, como tudo quanto é novidade, vai ganhando campo antes que a calma da reflexão o affaste e mostre a sua perniciosidade, soffreu, entre nós, ao enfrentar o primeiro adversario decidido, um revez serio, tanto mais para ser notado quanto, partiu de uma senhora que pelas suas qualidades extraordinarias, é prova não serem só os homens, os capazes de enfrentar os problemas serios.

A capacidade indiscutivel, o perfeito equilibrio intellectual, a orientação sensata, que revestiram os raciocínios da conferencista, tudo isso que constitue qualidades muito recommendaveis, eclipsou-se, porem, deante da certeza de que naquella organização feminina tão especial, sobrepuz o coração ao cerebro.

Si algum dote nos faz apreciar a mulher, acima de todos os outros, é certamente esse do sentimento, que a torna eminentemente superior, creando-lhe a aureola de santidade em que

se emmoldura a estrella do bem a presidir todos os actos domesticos, influindo indiscutivelmente sobre os actos civicos.

Apreciadores do talento e da erudição da illustre adversaria do *feminismo*, collocados quasi na mesma situação, quanto ao modo de ver o papel social da mulher, sentimo-nos, entretanto, temos o maior prazer em declarar, muito mais inclinados a reverencial a nos sentimentos que soube com tão grande brilhantismo externar.

E' realmente admiravel n'uma epoca em que as opiniões porfiam em duração com as modas, em que o exhibicionismo, a conquista do pennacho de chefe, fazem a aspiração quasi universal, quando toda a gente se considera apta a dirigir a opinião; é admiravel, diziamos, encontrar-se quem com as notaveis qualidades de Eva Canel, se venha alistar como simples combatente, desviando-se do logar proeminente que, fatalmente, se lhe destinava no campo opposto.

A mulher, no seu dizer, necessita mais de educação, que de instrução. Porque esse criterio guiou todo o desenvolvimento a que chegou a illustre senhora, accrescentamos nós, é que a vemos hoje collocada no terreno da verdadeira moral, que os iconoclastas da razão forcejam por conquistar.

E' tal a nossa admiração por quem assim se colloca acima das mediocridades dispostas sempre a abraçar as ultimas novidades, que tudo quanto de mais expressivo se nos apresenta, é recommendar ás nossas patricias a leitura e a meditação da notavel conferencia, publicada pelo nosso collega d'*A Imprensa*.

E com tal, saibam os que nos lêem, prestamos um serviço real á estabilidade social, ameaçada pelo *feminismo* no que tem ella de mais importante, na sua pedra angular, na instituição da familia.



Durante o mez de Dezembro findo, foi o «Centro Catharinense» visitado por 412 pessoas, segundo accusa o livro de presença.

O «Centro Catharinense» adquiriu, durante o anno de 1899, cerca de 60 socios novos.



## TARIFAS DIFFERENCIAES

A depreciação crescente do café, que ainda hoje é o nosso principal producto de exportação, impressiona vivamente o mundo financeiro.

O estabelecimento das tarifas differenciaes, autorizadas no orçamento vigente, é, parece, uma das medidas de que pretende lançar mão o governo da Republica para conjurar a crise. Ao mesmo tempo, se está fazendo sentir o esforço da iniciativa particular, traduzido nos actos das sociedades de agricultura.

Não se podendo alheiar dos interesses primordiais da sociedade brasileira, e, especialmente, defensora de um dos Estados que fazem repousar na cultura da terra todas as suas esperanças, a *Revista* procurará estudar o problema nas suas multiplas faces, collocando a sua comprehensão ao alcance de todos.

Com esse intuito, um dos nossos collaboradores encetarã no proximo numero uma serie de considerações, tendentes a demonstrar que:

a queda do preço do café é consequencia da monocultura e da imprevidencia economica;

as tarifas differenciaes e o estabelecimento de novos mercados consumidores, impõem-se como necessidade inadiavel;

a acção official só pôde ser proveitosa quando a secunde a iniciativa particular.



Attingem a mais de 50 volumes os donativos recebidos pela bibliotheca do «Centro Catharinense», de 18 de Novembro, data da inauguração, até 31 de Dezembro de 1899.

## TRAÇOS...

Natal... Anno Bom... Reis...

Costas a nós, lá vão passadas as tres grandes festas da christandade..

Começam as novas despedidas, as emoções de todos os annos, mas que, talvez por isso mesmo, são sempre mais dolorosas. A creançada garrula, retemperado o organismo no ar saudavel do campo, volta à escola...

As mamãs, de olhos vermelhos e lenços molhados, acenam os ultimos adeuses, gritando sempre — até a volta! até a volta! — e os papás fitando o sólo batido pela canicula, absorvem-se na preocupação de occultar a lagrima indiscreta, irrompendo traiçoeira, a desmentir o ar prazenteiro com que se despediram da meninada.

Ha por toda a parte uma impressão geral de tristeza, cortada apenas pela cigarra monotona a quebrar o silencio morno e extenuante do sol de Janeiro.

Esbrazecendo, o calor incommodo faz-nos modorrentos, desfallecidas as energias, sob a influencia da atmospheria afogucada.

A padfaria verde de ha mezes já trocou a sua alegria primaveril de esperanças, pelas contorsões da herva, amarellecendo ao sopro quente dos ventos do norte.

Tudo são tristezas nessa hora em que o sol encarapitado no seu throno de fogo, mata a florinha do campo, a irmã gemea da gargalhada argentina da fada dos risos...

Ambiente de tristezas... Melancolicamente debruçado ao peitoril do seu castello de saudades e illusões, o chronista é despertado pela obrigação

que, importuna, lhe bate à porta, a exigir as impressões que elle deve transmittir aos leitores da *Revista*.

Faça-se a tua vontade, ó dever omnipotente.

\* \* \*

Mas de que vos fallará a Chronica, que não tendes ouvido remoer no realejo dos desoccupados?

De eleições. Que nos importo a nós isso?

A mim, pelo menos, corre o suffragio indifferentemente. O lugar de chronista da casa não se obtem pelo voto: a autoridade do chefe é quem entrega o mandato. E, demais, a remuneração dá apenas para se andar com os cotovellos nas janellas do palletot esburacado, e os pés, de mãos postas — deixem que passe — a implorar, do céu misericordioso, uma *Clark* protectora.

De modas? é pobre o chronista na technica do bom tom. Um rostinho bonito num balandrau qualquer, vale para elle muito mais do que as rendas caras a emoldurar carantonhas passadas, a que o *cold-cream* emboça as rugas... Que lhe importa o farfalhar das sedas, quando a natureza só é bella na nudez da sua pureza?

De *grèves*? Mas a *grève* é o pesadelo passado, é o sonho máo, desfeito ao bafejo protector das autoridades, mas lembrado ainda pelos calos incommodos, que ainda torturam os pés de muita gente boa.

Dos transviados a quem o amor (?) arrasta ao carcere, e cujos feitos escandalosos enchem as gazetas? des-ses que, ou embebem, enciumados, o punhal barato, comprado no primeiro belchior, no corpo da *Dulcinéa*, ou se atiram sob as rodas dos bonds, ou, mais resolutos, pedem um *Smith-*

*Wesson* ao mais proximo visinho e fazem do cranco caixa de balas... ser vidas?

Mas nada disso tem traços de novo. Tudo é velho, batido, sem originalidade.

De si? Seria ocupar, sem resultado, tempo que é melhor gasto em não fazer cousa alguma. Que teria elle para contar de si?

Em resumo, no kaleidoscopio do *struggle for life* tudo é chato, burguez, sem um traço forte que faça vibrar o sentimento.

Adeante, portanto.

\* \* \*

Regressemos ás regiões do idéal onde voltejavam rapidas as illusões do chronista.

Caminhemos, eu e tu, imaginação pobre, pela estrada branca das nossas illusões de moços que já fomos.

Pensem, sonhem... Cantemos as nossas passadas esperanças.

Eras quem architectava os sonhos, as promessas d'aquelles olhos negros, que me fascinaram.

Lembras-te? tempo houve em que foram tudo para nós.

Depois... depois... mas, afinal, que tem os outros com os nossos pezares? Cala-te, imaginação, e si nada tens a dizer, que não sejam as tuas desillusões, guarda-as contigo, não as macules. Sê discreta.

S.

---

ANNUARIO do Estado de Santa Catharina, para o anno de 1900.

Organisado por Firmino Costa.

---

TRICENTENARIO ANCHIETANO

Discurso do Padre Manfredo Leite.

---

O «Centro Catharinense» dispõe ainda de alguns exemplares das duas publicações.

# CASA MEDEIROS

**Especialidade em artigos de bordar**

Unica casa que vende linha para crochet em caixinhas de 10 novellos brancos e de cores a 2\$000 a caixa

**70 - Rua da Uruguayana - 70**

**Tarquínio de Medeiros & C.**

RIO DE JANEIRO